

Nora Roberts

escrevendo como

J.D.
ROBB



Ligação

MORTAL



BERTRAND BRASIL

J. D. ROBB

SÉRIE MORTAL

Nudez Mortal

Glória Mortal

Eternidade Mortal

Êxtase Mortal

Cerimônia Mortal

Vingança Mortal

Natal Mortal

Conspiração Mortal

Lealdade Mortal

Testemunha Mortal

Julgamento Mortal

Traição Mortal

Sedução Mortal

Reencontro Mortal

Pureza Mortal

Retrato Mortal

Imitação Mortal

Dilema Mortal

Visão Mortal

Sobrevivência Mortal

Origem Mortal

Recordação Mortal

Nascimento Mortal

Inocência Mortal

Criação Mortal

Estranheza Mortal

Salvação Mortal

Promessa Mortal

Ligação Mortal

Nora Roberts

escrevendo como

J. D. ROBB

LIGAÇÃO
MORTAL

Tradução

Renato Motta

1ª edição

B
BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2018

Copyright © 2009 by Nora Roberts

Proibida a exportação para Portugal, Angola e Moçambique.

Título original: *Kindred in Death*

Capa: Leonardo Carvalho

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2018

Produzido no Brasil

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Robb, J. D., 1950-

R545L

Ligação mortal [recurso eletrônico] / J. D. Robb ; tradução Renato Motta. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2018.

recurso digital (Mortal ; 29)

Tradução de: *Kindred in death*

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-286-2349-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Motta, Renato. II. Título. III. Série.

18-50585

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Leandra Felix da Cruz - Bibliotecária - CRB-7/6135

Todos os direitos reservados. Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela:

EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.

Rua Argentina, 171 – 2º andar – São Cristóvão - 20921-380 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 2585-2000 – Fax: (21) 2585-2084

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

*Bem-vindas, aparentadas trevas!
Horrores inatos, eu vos saúdo!*

— JAMES THOMSON

*Uma mentira que é meia verdade
é a pior das mentiras.*

— TENNYSON

SUMÁRIO

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Quatorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezessete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Epílogo

CAPÍTULO UM

Ela tinha morrido e ido direto para o céu. Ou melhor que isso, porque quem sabe se existe sexo bom e preguiçosas manhãs de férias no céu? Ela se sentia viva e energizada.

Bem, pelo menos viva. Meio sonolenta, muito satisfeita e feliz da vida porque o fim das Guerras Urbanas, há quase quarenta anos, tinha resultado no feriado do Dia Internacional da Paz.

Pode ser que o domingo de junho tivesse sido escolhido de forma arbitrária e certamente simbólica — e talvez as lembranças desse período terrível ainda estivessem espalhadas pela paisagem de todo o planeta, mesmo em 2060 —, mas ela achava que as pessoas tinham direito a suas paradas comemorativas, piqueniques, discursos prolixos e longos fins de semana de embriaguez.

Pessoalmente, ela sempre se sentia feliz por ter dois dias de folga, qualquer que fosse o motivo. Especialmente quando um belo domingo começava como aquele.

Eve Dallas, tenente da Divisão de Homicídios e policial linha-dura, estava esparramada e nua sobre o marido, que tinha acabado de lhe oferecer um belo vislumbre do paraíso. Ela percebeu que ele também tivera algo semelhante, pois estava largado debaixo dela, uma das mãos lhe acariciando o traseiro de um jeito preguiçoso, enquanto seu coração martelava com a força de um bate-estacas.

Ela sentiu um peso pular sobre a cama. Era Galahad, o seu gato gordo, que resolvera se juntar ao casal, já que o show tinha acabado.

Eve pensou: nossa pequena família feliz em uma manhã de domingo, sem nada para fazer. Isso não era incrível? Ela realmente tinha uma pequena família, uma casa, um homem absurdamente lindo e fascinante que a amava e — o mais importante — sexo de muito boa qualidade.

Sem falar no dia de folga.

Ela ronronou, quase tão entusiasmada quanto o gato, e enfiou o nariz na curva do pescoço de Roarke.

— Isso foi bom — disse ela.

— Para dizer o mínimo. — Os braços dele... aqueles braços poderosos... a envolveram em um abraço descontraído. — O que você quer fazer mais tarde?

Ela sorriu, apreciando o momento, o leve sotaque irlandês na voz dele, sentindo a carícia dos pelos do gato contra o próprio braço, um indicativo de que o animal buscava um pouco de atenção.

Ou, o que era o mais provável, o café da manhã.

— Para ser franca, nada.

— Isso nós podemos providenciar.

Ela sentiu Roarke se mover e ouviu o ronronar ficar mais alto quando as mãos que há pouco lhe proporcionaram tanto prazer fizeram carinho no felino.

Ela se ergueu de leve para apreciar o rosto de Roarke e os olhos dele se abriram.

Por Deus, aqueles olhos sempre a *matavam* com o seu azul ousado e brilhante, cílios espessos e escuros, um sorriso nos cantos que era para ela. Só para ela.

Inclinando-se de leve, ela assaltou aquela boca mágica com seus lábios ávidos, em um beijo longo e sonhador.

— Ora, mas isso está muito longe de *nada*.

— Eu amo você. — Ela beijou as bochechas dele, um pouco ásperas por causa da barba por fazer. — Talvez por você ser bonito demais.

Ele era lindo mesmo, pensou, quando o gato cortou o clima ao forçar a passagem e se enfiar entre os dois. Aqueles lábios esculpidos, os olhos de feiticeiro, os ossos fortes e bem definidos, tudo isso emoldurado pela seda preta do seu cabelo. Com o acréscimo do corpo esguio e musculoso, o pacote ficava completo e perfeito.

Ele conseguiu se livrar do gato e a puxou para outro beijo, mas logo sibilou de dor.

— Por que ele não dá um tempo e vai encher o saco do Summerset e pedir o café da manhã? — reclamou Roarke, empurrando o gato para longe depois de ele flexionar as patas e garras, dolorosamente, sobre o peito do dono.

— Eu preparo tudo — ofereceu Eve. — Estou querendo café mesmo.

Ela rolou para fora da cama e caminhou elegante, magra e nua pelo quarto, até o AutoChef.

— Você estragou meu segundo round — murmurou Roarke, olhando para o gato.

Os olhos bicolors de Galahad brilharam, talvez com ar divertido, antes de ele pular para fora da cama.

Eve programou uma ração e, como era feriado, uma porção pequena de atum. Quando o gato se lançou sobre a comida com voracidade, ela programou duas canecas de café forte e sem açúcar.

— Pensei em descer para me exercitar um pouco, mas acho que já fiz isso aqui mesmo. — Ela tomou o primeiro gole de vida enquanto atravessava o quarto, de volta até a plataforma sobre a qual ficava a cama, que era quase do tamanho do lago Michigan. — Vou tomar uma ducha.

— Vou também, para tomar você. — Ele sorriu quando ela lhe entregou o café. — Uma segunda rodada de exercícios, por assim dizer. É muito saudável. Depois podemos curtir um irlandês completo.

— Você já é um irlandês completo.

— Eu estava falando de café em estilo irlandês, mas você pode ter a mim e ao café ao mesmo tempo.

Ela parecia feliz, ele percebeu; descansada também... e perfeitamente deliciosa. Seu cabelo curto, desalinhado, estava espalhado pelo rosto; seus olhos castanho-escuros exibiam um ar de diversão; a covinha no queixo que ele tanto adorava parecia se acentuar mais quando ela sorria.

Havia algo especial naquele momento, ele refletiu. Momentos como aquele, em que ambos estavam em sintonia tão perfeita, lhe pareciam milagres.

A policial e o criminoso... o ex-criminoso, corrigiu a si mesmo. Tudo tão normal quanto comer salada de batata no Dia Internacional da Paz.

Ele a analisou sobre a borda da xícara, em meio ao vapor aromático.

— Estou aqui pensando... — anunciou ele. — Você deveria usar esse look com mais frequência. É um dos meus favoritos.

Ela inclinou a cabeça e tomou mais um gole de café.

— E eu estou aqui pensando que quero um banho bem longo.

— Que conveniente! Acho que eu quero a mesma coisa.

Ela tomou um último gole.

— Então é melhor começarmos logo.

Mais tarde, com preguiça demais para colocar uma roupa, ela vestiu um robe enquanto Roarke programava mais café e o tal desjejum irlandês completo para dois. Aquilo tudo era tão... doméstico, pensou. O sol da manhã fluía nas janelas do quarto que era maior do que o apartamento onde ela morava até dois anos atrás. Eles iam completar dois anos de casamento no mês que vem, calculou. Ele tinha entrado na sua vida e tudo mudara. Ele a encontrara; ela o encontrara — e então todos aqueles lugares escuros escondidos dentro de ambos tinham ficado um pouco menores, e bem mais iluminados.

— O que você quer fazer depois? — perguntou ela.

Ele olhou para trás enquanto carregava os pratos e o café em uma bandeja, levando tudo para a saleta de estar da suíte.

— Eu pensei que a programação para hoje fosse ficar aqui sem fazer nada.

— Pode ser, ou podemos fazer alguma coisa. Eu escolhi o programa de ontem e ficamos aqui sem fazer nada. Provavelmente há alguma regra no casamento determinando que hoje é a sua vez de escolher.

— Ah, sim, as regras. — Ele pousou a bandeja sobre a mesinha de centro. — Uma vez policial, sempre policial.

Galahad surgiu mansamente e observou os pratos como se não comesse há dias. Roarke ergueu um dedo de advertência para ele; o gato virou a cabeça com ar de desgosto e começou a se lambar.

— Minha escolha, então, certo? — Ele partiu os ovos e refletiu sobre as possibilidades. — Bem, vamos pensar. Hoje é um belo dia de junho.

— Merda!

A sobrelha dele se ergueu.

— Você tem algum problema com junho, ou com dias bonitos?

— Não. Merda. Junho. Charles e Louise. — Franzindo a testa, ela mastigou um pouco de bacon. — O casamento. Vai ser aqui.

— Sim, no próximo sábado à noite. E até onde eu sei, está tudo sob controle.

— Peabody me explicou que, pelo fato de eu ser o apoio de Louise... madrinha de honra ou sei lá o nome, eu tenho de ligar para ela todos os dias desta semana para ter certeza de que não precisa da minha ajuda em alguma coisa. — A expressão de Eve se tornou ainda mais sombria quando pensou em Peabody, a sua parceira. — Isso não pode ser sério, pode? Todos os dias? Puta merda! Além do mais, para que Louise poderia precisar de mim?

— Incumbências?

Ela parou de comer e estreitou os olhos para ele.

— Incumbências? O que você quer dizer com isso?

— Bom, eu estou em desvantagem, pois nunca fui noiva, mas quer alguns palpites? Confirmar os

detalhes com os floristas ou com o bufê, por exemplo. Sair com ela para comprar os sapatos do casamento, as roupas para a lua de mel ou...

— Por que você faz isso comigo? — Sua voz ficou tão aflita quanto o seu rosto. — Por que me diz essas coisas depois de eu ter sacudido o seu mundo duas vezes só agora de manhã? Isso é crueldade.

— Mas o que eu disse provavelmente seria verdade em outras circunstâncias. Porém, conhecendo Louise como eu conheço, eu diria que ela já tem tudo organizado e sob controle. E conhecendo você como eu conheço, diria que se Louise quisesse alguém para comprar sapatos com ela certamente teria pedido a outra pessoa para ser sua madrinha.

— Eu organizei o chá de panela — declarou Eve. Ao ouvir a risada mal disfarçada de Roarke, segurou o braço dele com força. — A festa foi aqui, e eu estava no local, então é o mesmo que organizar. Além disso, eu vou comprar um vestido novo e tudo o mais.

Ele sorriu, divertido com a perplexidade, e o leve pavor que ela demonstrava quando o assunto eram os ritos sociais.

— E como vai ser esse vestido?

Ela enfiou o garfo nos ovos estrelados.

— Não sou obrigada a conhecer todos os detalhes, exatamente. É uma cor, tipo assim, meio amarelo. Foi Louise quem escolheu; aliás, ela e Leonardo se dedicaram muito a esse detalhe. Veja só, a médica e o estilista. Mavis diz que isso foi mais que demais ao quadrado.

Eve refletiu sobre o estilo tão especial de sua amiga Mavis Freestone ao falar nela, e completou:

— Isso é muito assustador, agora que estou pensando no caso. Aliás, por que estou pensando em tudo isso agora?

— Não faço ideia. Só posso dizer que, embora o gosto de Mavis para moda seja exclusivo... diria único... na condição de sua amiga mais próxima ela entende perfeitamente o que você gosta. E Leonardo sabe exatamente o que lhe convém. Você estava muito elegante no dia do nosso casamento.

— Mas estava com um olho roxo por baixo da maquiagem.

— Sim, um toque sofisticado e absolutamente a sua cara. Quanto à questão que Peabody levantou sobre a etiqueta, acho que entrar em contato com Louise não iria fazer mal. Simplesmente ligue para ela e avise que você está disposta a ajudá-la em qualquer coisa, caso ela precise.

— E se ela precisar? Ela deveria ter chamado Peabody para fazer isso, em vez de tê-la escolhido como a segunda no comando, na fila, sei lá!

— Acho que o nome é cerimonialista.

— Tanto faz. — Com um ar de impaciência, Eve dispensou o termo abanando a mão no ar. — Elas são muito amigas e Peabody realmente adora esses troços... femininos.

Pura insanidade, na visão de Eve. A agitação, as firulas, o frenesi.

— Talvez seja um pouco estranho, já que Peabody namorou Charles... quero dizer, mais ou menos... antes de se envolver com McNab. E voltou a sair com ele depois também. — Sua testa franziu quando ela tentou entender as reviravoltas daquela dinâmica. — Mas eles nunca transaram, nem física, nem profissionalmente.

— Quem nunca transou? Charles e McNab?

— Pare com isso! — A piada fez Eve dar uma risada, antes de tornar a lembrar da tal ajuda para incumbências e compras. — Peabody e Charles, o noivo, nunca dançaram o tango nus na horizontal...

no tempo em que Charles era um profissional do sexo. O que também é estranho, porque ele ainda era um acompanhante licenciado quando conheceu Louise e ficaram juntos; durante todo o tempo que eles namoraram... *e ficaram pelados* no tango horizontal... não a incomodava o lance de ele ficar nu com outras pessoas, profissionalmente. Até o dia em que ele desistiu desse trabalho sem contar a ela, fez um treinamento para ser terapeuta sexual, comprou uma casa e a pediu em casamento.

Compreensivo, Roarke deixou que ela recontasse a história com palavras rápidas e sua lógica confusa, enquanto remexia ovos, batatas e bacon.

— Certo, e o que incomoda você, afinal? — quis saber ele.

Ela deu mais uma garfada nos ovos, mas logo colocou o garfo de lado e pegou o café.

— Eu não quero estragar as coisas para Louise. Ela está tão feliz, *eles dois* estão muito felizes... e tudo isso tem uma importância muito grande para ela. Eu sei, já entendi. Já saquei tudo e reconheço que fiz um péssimo trabalho na preparação do nosso lance... o lance do casamento.

— Só eu é que posso julgar isso.

— Mas eu sei que fiz. Despejei tudo nas suas costas.

— Pelo que eu me lembro, você tinha alguns assassinatos para investigar.

— Pois é, eu tinha. E é claro que você nunca tem nada para fazer, a não ser se sentar nas suas gigantescas pilhas de dinheiro.

Ele sacudiu a cabeça e espalhou um pouco de geleia em uma torrada triangular.

— Todos nós somos o que somos, minha querida Eve. E acho que desempenhamos muito bem os nossos papéis.

— Eu te deixei chateado e putado na véspera do casamento.

— Isso deu um pouco de emoção.

— Depois eu acabei drogada e meio zureta em minha própria despedida de solteira em um clube de strip, antes de prender o assassino. Isso parece divertido agora, contado desse jeito. A questão principal é que eu não planejei nada para a minha própria cerimônia de casamento, e agora não sei como preparar as coisas importantes.

Ele deu um tapinha amigável no joelho dela. Para uma mulher que exibia uma coragem que às vezes o deixava aterrorizado, Eve temia as coisas mais estranhas.

— Se existe algo de que ela precisa, você descobrirá como fazê-lo. Só posso dizer que quando você veio caminhando na minha direção naquele dia, no *nosso* dia, sob a luz do sol, você parecia uma chama viva. Brilhante, linda, e me tirou o fôlego. Havia apenas você ali.

— E mais uns quinhentos dos seus amigos íntimos.

— Havia apenas você. — Ele pegou a mão dela e a beijou. — Garanto que acontecerá a mesma coisa com eles.

— Eu só quero que ela tenha o que sonhou. É isso que me deixa nervosa.

— Isso se chama amizade. Você vai usar um vestido que talvez seja amarelo e vai estar ao lado dela. Isso será suficiente.

— Tomara que sim, porque eu não vou ligar para ela todos os dias. Isso eu garanto! — Ela olhou para o prato. — Como é que alguém consegue comer um café da manhã irlandês completo?

— Devagar e com muita determinação. Acho que você não está suficientemente determinada.

— Nem perto.

— Bem, então, se com isso damos o café por terminado, pensei em uma coisa.

— No quê?

— Sobre o que podemos fazer em seguida. Deveríamos ir até uma praia, para caminhar um pouco pela areia e tomar banho de mar.

— Isso eu topo. Ir à praia em Nova Jersey ou nos Hamptons?

— Eu estava pensando em algum lugar mais tropical.

— Você não pode querer ir até a ilha por um dia inteiro, ou parte de um dia. — A ilha particular de Roarke era um lugar privilegiado, mas ficava praticamente do outro lado do mundo. Mesmo em seu jato de última geração, seriam pelo menos três horas só de ida.

— Sim, fica um pouco longe para uma viagem impulsiva, mas há lugares mais próximos. Existe um lugar nas Ilhas Cayman que pode ser muito adequado, e há uma pequena *villa* por lá que está disponível para hoje.

— E como é que você sabe disso?

— Porque estou pensando em comprá-la — ele respondeu, com naturalidade. — Nós poderíamos voar para o sul, chegar lá em menos de uma hora, analisar o local, aproveitar o sol e talvez surfar e beber coquetéis divertidos. Depois, terminamos o dia com uma bela caminhada junto ao mar, sob a luz da lua.

Ela não conseguiu deixar de sorrir.

— Qual o tamanho dessa *villa*?

— Pequena o suficiente para servir como um bom local para nossas viagens impulsivas e espaçosa o bastante para nos permitir levar alguns amigos, se quisermos.

— Você já tinha decidido tudo.

— Tinha, sim, mas deixei a ideia no departamento do “talvez, quem sabe?”. Se você quiser, este pode ser o momento certo.

— Eu consigo me vestir e jogar numa mala tudo de que preciso para um dia em menos de dez minutos.

Ela saltou da poltrona e seguiu em direção à cômoda.

— A mala já está pronta — ele avisou. — Para nós dois. Só por garantia.

Ela olhou para ele.

— Você não perde tempo!

— É tão raro ter um domingo de folga com a minha esposa que eu gosto de aproveitar ao máximo.

Ela tirou o robe, vestiu uma camiseta regata branca simples e, logo em seguida, pegou um short cáqui.

— Nosso dia começou bem e vamos aproveitar ao máximo. Isso aqui deve bastar.

Assim que ela vestiu o short, o comunicador sobre a sua cômoda tocou.

— Porra! Droga! *Merda!* — Seu estômago pareceu afundar quando ela olhou o display do aparelho. Olhou para Roarke cheia de pesar e justificativas. — É Whitney.

Ele observou quando a policial, até então oculta, assumiu o controle de tudo, e mudou de expressão e de postura quando pegou o comunicador para responder ao seu comandante. E pensou... *Que pena.*

— Sim, senhor.

— Tenente, sinto muito por interromper sua folga. — O rosto largo de Whitney encheu a tela

pequena, e seu estresse era tão grande que a tensão podia ser notada em sua nuca.

— Sem problema, comandante.

— Sei que você não está em horário de trabalho, mas surgiu uma situação de emergência. Preciso que você se apresente na Central Park South, número 541. Já estou na cena do crime.

— O *senhor* está na cena? — Devia ser algo muito ruim, ela pensou. Algo importante e terrível o bastante para o próprio comandante estar na cena do crime.

— Afirmativo. A vítima é Deena MacMasters, de dezesseis anos. Seu corpo foi descoberto esta madrugada por seus pais quando voltaram para casa depois do fim de semana. Dallas, o pai da vítima é o capitão Jonah MacMasters.

Levou um momento para Eve ligar o nome à pessoa.

— Divisão de Drogas Ilegais. Eu conheço o tenente MacMasters. Ele foi promovido?

— Sim, há duas semanas. MacMasters solicitou você, especificamente, como investigadora principal. Eu gostaria de atender ao pedido dele.

— Vou ligar para a detetive Peabody agora mesmo.

— Deixe que eu cuido disso. Gostaria que você viesse para cá o mais rápido possível.

— Então já estou a caminho.

— Obrigado.

Ela desligou e se virou para Roarke.

— Sinto muito.

— Nada disso, não sinta. — Ele cruzou o quarto até onde ela estava e bateu com a ponta do dedo na covinha do queixo dela. — Um homem acaba de perder a filha, isso é muito mais importante do que irmos à praia. Você o conhece?

— Não muito. Ele me procurou depois que eu prendi Casto. — Eve se lembrou do policial corrupto que a seguira até a festa no dia de sua despedida de solteira. — MacMasters não era tenente do acusado, mas quis me parabenizar por eu encerrar aquele caso e tirar um mau policial das ruas. Eu agradei. Ele tem uma bela reputação — continuou, enquanto trocava o short de praia pela calça de trabalho. — Uma fama boa e sólida. Eu não soube da sua promoção, mas não estou surpresa com ela.

Ela ajeitou o cabelo picotado simplesmente passando os dedos por entre os fios.

— Ele está há uns vinte anos na força policial. Talvez vinte e cinco. Sei que ele é rígido, costuma manter sua postura e exige que todos os seus auxiliares façam o mesmo. Sempre resolve os casos.

— Parece até alguém que eu conheço.

Ela pegou uma blusa no armário.

— Talvez.

— Whitney não lhe contou como a menina foi morta?

— Ele quer e precisa que eu chegue lá sem ideias preconcebidas. E não disse que foi homicídio. Isso cabe ao médico legista determinar.

Ela pegou o coldre e o prendeu. Em seguida guardou o comunicador, o *tele-link* e prendeu as algemas no cinto. Não se deu ao trabalho de fazer cara de estranheza quando Roarke lhe entregou a jaqueta leve que ele já tinha escolhido no closet e que servia para esconder o coldre.

— O fato de Whitney estar lá só pode significar uma coisa — declarou ela. — Ou há algo de estranho na cena do crime ou ele e os pais da vítima são amigos pessoais. Talvez as duas coisas.

— Se ele já está no local...

— Exato. — Ela se sentou para calçar as botas que preferia usar para trabalhar. — A filha de um policial foi morta. Não sei quando vou voltar para casa.

— Não tem problema.

Ela parou, olhou para ele, pensou nas malas prontas “só por garantia” e nas belas caminhadas ao luar.

— Você poderia ir dar uma olhada nessa tal *villa*.

— Tenho muito trabalho aqui para me manter ocupado. — Ele tocou-lhe os ombros quando ela se levantou, e pousou os lábios sobre os dela. — Avise-me assim que você tiver uma avaliação mais precisa sobre a situação.

— Certo. Vejo você depois.

— Tome cuidado, tenente.

Ela desceu a escada correndo e não perdeu o ritmo nem mesmo quando Summerset, “faz-tudo” de Roarke e também a pedra no sapato de Eve, se materializou no saguão.

— Pensei que a senhora estivesse de folga até amanhã — declarou ele.

— Apareceu um cadáver, que infelizmente não é o seu. — Ela parou ao chegar à porta e se virou. — Diga a ele que se divirta com algo que não seja trabalho. Só porque eu tenho que trabalhar não significa que ele também precise... — Deu de ombros e saiu para ir ao encontro da morte.

Poucos policiais podiam se dar ao luxo de viver em uma residência particular às margens verdejantes do Central Park. Por outro lado, poucos policiais — na verdade Eve pensou em si mesma — moravam em uma propriedade que mais parecia um castelo em plena Manhattan. Curiosa para saber como MacMasters conseguira tanto dinheiro, ela fez uma rápida busca pelo nome dele enquanto circulava pelo tráfego leve da manhã do feriado.

O computador do painel informou:

O capitão Jonah MacMasters nasceu no dia 22 de março de 2009 em Providence, Rhode Island. Seus pais se chamam Walter e Marybeth — sobrenome de solteira da mãe: Hastings. Frequentou a Academia Stonebridge e se formou pela Universidade de Yale em 2030. Casou-se com Carol Franklin em 2040. O casal tem uma única filha, Deena, nascida a 23 de novembro de 2043. O capitão entrou para o Departamento de Polícia e Segurança Pública de Nova York em 15 de setembro de 2037. Recebeu vários elogios e condecorações nas seguintes...

— Pule essa parte. Finanças. De onde vem o dinheiro dele?

Processando... Seu patrimônio soma aproximadamente oito milhões e seiscentos mil dólares. Ele herdou vários imóveis do avô, Jonah MacMasters, que faleceu de causas naturais a 6 de junho de 2032; foi o fundador da Mac Kitchen and Bath, empresa de equipamentos para cozinha e banheiro, com sede em Providence. O valor atual da empresa é de...

— Já chega, estou satisfeita com as respostas.

Fortuna familiar, pensou. Estudou em Yale, mas acabou trabalhando como policial na Divisão de Drogas Ilegais na Polícia de Nova York. Interessante. Uma única esposa em um casamento de vinte anos, recebeu elogios e condecorações no trabalho. Foi promovido a capitão. Tudo isso dizia o que ela já imaginava sobre ele.

Um profissional consistente.

Agora, esse sério policial, que Eve mal conhecia, solicitara a atuação dela, especificamente, para investigar a morte da sua única filha. *Por quê?*, especulou consigo.

Ela perguntaria isso a ele.

Quando chegou ao endereço, parou atrás de uma patrulha que já estava estacionada. Depois de ligar a luz de “viatura em serviço”, avaliou a casa com atenção. Um lugar esplêndido, decidiu, e saltou do carro para pegar o kit de serviço. Embora corresse o risco de abusar da palavra, Eve pensou na casa como uma residência “consistente”.

Construída antes das Guerras Urbanas, a mansão fora reformada e tinha mantido suas características originais, apesar de algumas cicatrizes. Um lugar digno, revestido de tijolinhos rosados, quinas em tom de creme, janelas altas — todas com as telas de privacidade acionadas, naquele momento.

Vasos grandes com flores coloridas guardavam os dois lados da pequena escada de pedra, e isso lhe pareceu um lindo detalhe. Só que Eve estava mais interessada no sistema de segurança enquanto atravessava a calçada e chegava à porta.

Câmeras sofisticadas, painel com tela acionado por impressão digital; ela apostava que também havia bloqueios ativados por voz e certamente uma senha codificada. Sendo um policial experiente, ele certamente fazia de tudo para proteger sua casa e todos os que moravam nela.

Ainda assim, sua filha adolescente estava morta lá dentro.

Segurança perfeita não existia.

Ela tirou o distintivo do bolso, exibiu-o para o guarda parado na porta e em seguida o prendeu no cinto.

— Eles estão esperando pela senhora lá dentro, tenente.

— Você foi o primeiro a chegar ao local do crime?

— Não, senhora. O primeiro a chegar está lá dentro, junto com o comandante, o capitão e sua esposa. O meu parceiro de ronda e eu fomos convocados pelo comandante. Esse meu colega está nos fundos da casa, no momento.

— Ok. Minha parceira também está vindo, chegará em breve. Detetive Peabody.

— Sim, já fui informado, tenente. Vou deixá-la entrar.

Aquele policial não era um novato, reparou Eve, enquanto aguardava a liberação. Parecia durão e experiente. Quem o teria chamado, o comandante Whitney ou o capitão?

Ela olhou para a esquerda e para a direita. Imaginou os vizinhos que estavam acordados, em suas casas, observando tudo. Eram muito educados ou estavam intimidados demais para sair à rua e acompanhar tudo de perto.

Ela entrou em um saguão imenso e bonito, no qual havia uma escada central. Notou flores na mesa, e eram frescas. Colhidas há um dia, no máximo dois. Uma tigela oferecia balas de hortelã coloridas. Tudo em cores suaves e aconchegantes. Nenhum sinal de bagunça, mas havia um par de sandálias roxas

brilhosas — um pé debaixo de uma cadeira de espaldar alto e outro largado ao lado.

Whitney surgiu de uma porta à esquerda. Preencheu o espaço, Eve observou, com seu corpo forte e seu ar altivo. O rosto escuro do comandante tinha vincos de preocupação, e ela percebeu uma centelha de tristeza em seus olhos.

Mesmo assim a sua voz foi neutra quando ele falou. Os muitos anos na polícia garantiram que ele permanecesse firme.

— Tenente, estamos aqui dentro. Você poderia nos dedicar um momento, antes de seguir para a cena do crime?

— Claro, senhor.

— Antes de qualquer coisa, agradeço por aceitar este caso. — Quando ela hesitou, ele quase sorriu. — Se eu não lhe disse que a escolha era sua, deveria tê-lo feito.

— Está tudo certo, comandante. O capitão quer que eu investigue o caso, e aqui estou eu.

Com um aceno de cabeça, ele recuou um passo para deixá-la passar.

Eve sentiu um leve sobressalto ao perceber a presença da sra. Whitney na sala. A esposa do comandante costumava deixá-la intimidada, devido ao seu comportamento rígido e formal, maneiras polidas e sangue azul. Naquele momento, porém, ela parecia totalmente concentrada em confortar a mulher ao seu lado. Ambas estavam sentadas em um pequeno sofá em uma linda sala de estar.

Carol MacMasters, Eve observou, era uma mulher de corpo miúdo e cabelo escuro cuja beleza contrastava com a elegância loura de Anna Whitney. Em seus olhos negros encharcados de lágrimas, Eve viu muito desespero e algum assombro. Seus ombros magros tremiam como se ela estivesse sentada nua sobre uma pedra de gelo.

O capitão MacMasters se levantou assim que viu Eve entrar. Ela calculou sua altura em um metro e noventa e cinco, tão alto que quase parecia um bambu desengonçado. Sua roupa casual, jeans e camiseta, combinava com a volta de férias curtas. Seu cabelo, escuro como o da esposa, tinha uma forte ondulação e permanecia cheio e espesso em torno de um rosto magro com profundos vincos nas bochechas — que poderiam ter sido covinhas na juventude. Seus olhos, de um verde pálido e quase nebuloso, fixaram-se longamente nos de Eve. Neles a tenente viu sofrimento, choque e raiva.

Ele foi até ela e lhe estendeu a mão.

— Obrigado. Tenente, eu... — Ele pareceu ficar sem palavras.

— Capitão. Eu sinto muito, muitíssimo, pela sua perda.

— É ela? — Carol se esforçou para se manter firme, mesmo quando as lágrimas lhe escorreram pelas bochechas. — Você é a tenente Dallas?

— Sim, senhora. Sra. MacMasters...

— Jonah disse que tinha de ser você. Disse que você é a melhor que existe. Você descobrirá quem... como... Mas mesmo assim ela terá partido. Minha bebê terá ido embora. Ela está no andar de cima. Ficou lá em cima e eu não posso estar com ela. — Sua voz se embargou de pura tristeza, quase em direção à histeria. — Eles não me deixaram ficar lá. Ela está morta. A nossa Deena está morta.

— Acalme-se, Carol, você precisa deixar a tenente fazer o que ela puder. — A sra. Whitney se levantou e envolveu Carol com os braços.

— Não posso pelo menos ficar sentada ao lado dela? — perguntou a mãe. — Não posso...

— Logo poderá — sussurrou a sra. Whitney. — Em breve. Vou ficar com você agora. A tenente vai

cuidar muito bem de Deena. Ela cuidará de tudo muito bem.

— Levarei você até lá em cima, Dallas — anunciou Whitney. — Anna.

A sra. Whitney assentiu.

Ela era rígida e tinha um ar intimidante, pensou Eve, mas saberia cuidar de uma mãe triste e de um pai arrasado.

— Você precisa ficar aqui embaixo, Jonah — avisou o comandante. — Voltarei logo. Vamos, tenente.

— O senhor é amigo dos pais da vítima fora do trabalho? — quis saber Eve.

— Sou, sim. Anna e Carol trabalham juntas em alguns comitês de caridade e passam muito tempo em companhia uma da outra. Nós sempre nos vemos em ocasiões sociais. Eu trouxe minha esposa até aqui na condição de amiga da mãe da vítima.

— É claro, senhor. Acredito que ela será de grande ajuda nessa área.

— Este é um momento difícil, Dallas. — Com a voz grave, ele começou a subir os degraus. — Nós conhecemos Deena desde que ela era uma garotinha. Posso afirmar que ela era a luz do coração dos pais. Uma jovem brilhante e adorável.

— A casa tem um excelente sistema de segurança, pelo que eu pude avaliar. O senhor sabe me dizer se ele estava ativado quando os MacMasters voltaram, agora de manhã?

— As fechaduras estavam, sim. Mas Jonah descobriu que as câmeras foram desativadas e os discos dos últimos dois dias foram removidos. Ele não tocou em nada — acrescentou Whitney, virando à esquerda no topo da escada. — Nem permitiu que Carol tocasse em nada, com exceção da menina. Mas ele impediu sua esposa de movimentar o corpo ou contaminar a cena do crime. Tenho certeza de que todos nós podemos compreender que esses foram momentos de grande choque.

— Claro, senhor. — Era estranho, pensou Eve, e um pouco desconfortável estar naquela posição, como se ela estivesse interrogando o seu comandante. — O senhor sabe dizer a que horas eles voltaram para casa esta manhã?

— Às oito e trinta e dois, precisamente. Eu tomei a liberdade de verificar o registro de entrada na casa, e ele confirmou a declaração de Jonah para mim. Vou lhe repassar uma cópia da declaração inicial do pai nessa manhã, gravada no meu *tele-link* de casa. Ele entrou em contato comigo imediatamente, solicitou você para investigar o caso e solicitou também a minha presença, se possível. Eu ainda não isolei a cena do crime... o quarto da menina. Mas ele está seguro.

Ele fez um gesto com a mão e recuou.

— Acho melhor eu descer e deixar você trabalhar à vontade. Quando a sua parceira chegar eu a enviarei diretamente aqui para cima.

— Certo, senhor.

Ele assentiu novamente e então suspirou enquanto olhava para a porta aberta do quarto.

— Dallas... Tudo isso é muito difícil.

Ela aguardou até que ele se afastasse e começasse a descer a escada. Sozinha, passou pela porta e olhou para o corpo da jovem, Deena MacMasters.

CAPÍTULO DOIS

— Ligar gravador! Tenente Eve Dallas, na cena do assassinato. Nome da vítima: Deena MacMasters.

Ela analisou o quarto com atenção enquanto pegava Seal-It, o spray selante, no kit de trabalho e se preparava para proteger as mãos e as botas. O espaço grande, claro e arejado, com janelas triplas e tela de privacidade acionada na parede com vista direta para o parque. Um banco acolchoado e com almofadas coloridas estava sob as janelas curvas. Pôsteres de músicos populares, atores e celebridades diversas cobriam as paredes pintadas em um tom onírico de violeta. Eve sentiu uma fisgada na boca do estômago ao ver a foto de uma de suas amigas, Mavis Freestone, com cabelos azuis cacheados e os braços erguidos em sinal de triunfo. A legenda dizia: *A maternidade é irada!*

Na foto, reparou a extravagante caligrafia de Mavis.

YO, DEENA,
VOCÊ TAMBÉM É IRADA!
MAVIS FREESTONE

Será que Deena entregara o pôster para Mavis em algum show ou evento, e Mavis, rindo e empolgada, o assinara com a caneta roxa de Deena? Um momento de som, luzes, cor, Eve imaginou. E vida. Uma lembrança emocionante para uma menina de dezesseis anos que não sabia que lhe restava tão pouco tempo para aproveitar.

Uma parte do quarto tinha sido projetada para estudo e trabalhos escolares; havia uma mesa brilhosa, laqueada de branco, prateleiras, um computador de última geração, um centro de comunicações, discos com arquivos, tudo muito arrumado e organizado. Um segundo ambiente, projetado para funcionar como saleta de estar e talvez para conversar com amigas, ficava um pouco além; estava igualmente arrumado e aparentemente intocado, com almofadas imensas, mantas espessas e diversos bichos de pelúcia provavelmente colecionados pela menina desde a infância.

Uma escova de cabelo e um espelho de mão, alguns frascos coloridos, uma tigela cheia de conchas e um trio de fotos emolduradas estavam expostos sobre uma cômoda no mesmo tom de branco lustroso da mesa.

Tapetes espessos em cores vibrantes cintilavam sobre o piso de madeira reluzente. O mais próximo

da cama, observou Eve, estava torto. Ele o desarrumara com o pé, escorregara nele, ou talvez tivesse sido ela.

Calcinhas simples brancas e sem adornos estavam largadas sobre o tapete.

— Ele arrancou a calcinha dela — declarou Eve, em voz alta — e a atirou longe.

As mesinhas de cabeceira ao lado da cama exibiam lindos abajures com cúpulas franjadas. Um deles também estava torto em relação à base. Uma cotovelada ou golpe com o braço, talvez. Todo o resto em torno da cama mostrava ordem e precisão admiráveis, testemunhando o cuidado da menina com coisas bonitas e femininas.

Típico de uma menina de dezesseis anos, refletiu Eve, mas talvez ela estivesse projetando seu passado. Aos dezesseis anos, ela contava os dias que faltavam para alcançar a maioridade e escapar do sistema de pais adotivos em rodízio. Em seu mundo, não havia nada cor-de-rosa; nem babadinhos rendados, nem ursos de pelúcia fofinhos e amados desde a infância.

E assim, Eve percebeu que aquele era o quarto de uma menina ainda presa à infância, mas que quase se aproximava da mulher que ela poderia ter sido. Uma menina que tinha morrido vivendo o pior pesadelo de uma mulher.

No centro do quarto bonito e alegre, a cama era um palco de violência e crueldade. O emaranhado de lençóis cor-de-rosa e brancos arruinados com manchas de sangue já escuras envolviam as pernas do corpo como se fossem cordas. Ele usara os lençóis para amarrar as pernas da menina aos pés da cama e mantê-las abertas para ele.

Ela lutou muito, como provavam as contusões e as marcas em carne viva nos tornozelos, além das coxas, onde a saia roxa arruinada mostrava que ele a estuprara com violência. Ao lado da cama, Eve se inclinou de leve e viu as pesadas algemas que prendiam as mãos da vítima atrás das costas.

— Algemas da polícia. A vítima era filha de um policial. Havia evidências de luta, contusões e lacerações nos pulsos. Ela não tinha cedido com facilidade. Não havia sinais de mutilação. Algumas contusões no rosto indicavam socos violentos, e as marcas no pescoço indicavam estrangulamento manual.

Ela abriu a boca da vítima e usou a lanterna e a lupa.

— Há fios e restos de tecido entre os dentes e língua; há sangue em seus lábios e dentes. Ela mordeu os lábios com força. Há um pouco de sangue e possivelmente saliva sobre a franha. Parece que ele usou a franha para sufocá-la. As roupas estão tortas, mas não foram removidas; há alguns rasgos nos ombros da blusa e faltam vários botões. Ele os arrancou — continuou Eve, analisando o corpo de cima a baixo. — Quis tirá-los do caminho, mas não estava muito interessado nas preliminares de um estuprador.

Com cuidado e ponderação, apesar de sentir que sua boca ficava seca e a nuca começava a latejar, Eve examinou os danos causados pelo ataque violento.

— Tortura por asfixia, sufocamento, estupro; mais asfixia, mais sufocamento, um novo ataque. Ela foi estuprada por via vaginal e anal. Repetidas vezes, a julgar pela quantidade de hematomas e arranhões. — Eve sentiu a respiração se agitar; seus pulmões tentaram se fechar e ela forçou o ar para fora, soprando forte... Expirar... Inspirar... De novo! — O sangue na área vaginal indica que a vítima talvez ainda fosse virgem. O médico legista poderá confirmar isso.

Ela teve que endireitar o corpo e precisou de mais algumas respirações profundas e tranquilizantes. Não podia se dar ao luxo de desligar o gravador para se acalmar; não podia permitir que a gravação

mostrasse o quanto suas mãos tremiam, nem o quanto seu estômago queria colocar tudo para fora.

Eve sabia exatamente o que era estar indefesa como aquela menina; o que era sofrer abusos e ser aterrorizada dessa maneira.

— No momento, parece que o sistema de segurança estava ligado. As câmeras foram desligadas posteriormente e todos os discos foram retirados do local. Não há sinal visível de arrombamento na cena do crime, mas os peritos ainda deverão confirmar isso. Foi ela quem abriu a porta; foi ela quem o deixou entrar. A filha do capitão. Ela provavelmente o conhecia e confiava nele. Violação frontal e direta, seguida de assassinato. Ele a conhecia, queria ver o rosto dela. Foi um ato pessoal, muito pessoal.

Mais calma, ela pegou seus medidores para determinar o momento exato da morte.

— Hora da morte: três e vinte e seis da madrugada. A investigadora principal determina que o homicídio por violação e sufocamento ainda deve ser confirmado por um médico legista. E solicita a atuação do dr. Morris, se ele estiver disponível.

— Dallas.

A prova de que Eve tinha se envolvido profundamente naquele momento, e no seu passado, foi que ela não ouviu a aproximação da sua parceira. Fez de tudo para assumir uma expressão neutra e se virou em direção à Peabody, à porta do quarto.

— A garota morreu de forma terrível — anunciou Eve. — Lutou muito, morreu lutando. Não há pele alguma sob as unhas dela, pelo que eu pude observar, mas vi muitos vestígios nos lençóis. Parece que ele colocou o travesseiro sobre o rosto da vítima, e ela mordeu o próprio lábio. Como é provável que ele a tenha estuprado várias vezes, pode ser que tenha ejaculado durante a luta. Ele também a sufocou. Talvez seja possível descobrir o tamanho da mão dele pelas marcas roxas.

— Eu meio que a conhecia.

Instintivamente, Eve se aproximou de Peabody, bloqueou-lhe a visão do corpo e forçou sua parceira a olhar para ela.

— Conhecia como?

Um ar de tristeza simples e sincero brilhou nos olhos castanho-escuros de Peabody.

— Quando eu era recruta nós fazíamos uma espécie de trabalho nas escolas. — Peabody pigarreou e apertou os lábios. — Ela era minha orientanda, eu fui sua monitora. Era uma garota muito doce e inteligente. Acho que tinha uns onze ou doze anos, na época. Eu era recém-chegada a Nova York e ela me deu algumas dicas sobre onde fazer compras e coisas desse tipo. Depois... ahn... no ano passado ela fez um trabalho sobre o Movimento da Família Livre, para a escola. — Peabody fez uma pausa e ocupou esse tempo selando as mãos e as botas. — Ela entrou em contato comigo e eu a ajudei na pesquisa, explicando-lhe alguns princípios e contando vários casos pessoais curiosos.

— Isso vai ser um problema para você?

— Não. — Respirando fundo, Peabody afastou os cabelos escuros do rosto e passou os dedos de leve pela franja ousada que usava. — Não. Ela era uma garota legal e eu gostava dela. Muito. Quero descobrir quem fez isso. Quero entrar no caso e ajudar a pegar esse filho da puta.

— Comece verificando a segurança e os equipamentos eletrônicos da casa. Procure por quaisquer sinais de invasão. — É uma casa grande, pensou Eve. Aquilo levaria algum tempo, o bastante para ligar Peabody no modo policial. — Precisamos que todos os *tele-links* sejam verificados e todos os registros copiados. Vou esperar pelos peritos, mas quero que este caso receba um Código Amarelo. Não vamos

conseguir esconder nada da imprensa, mas não podemos divulgar que há um policial envolvido, e não quero fofocas. Preciso de Morris no caso, a menos que não seja possível.

— Ele já voltou?

— A licença termina amanhã. Se ele estiver na cidade e disposto a pegar este caso, eu o quero na equipe.

Peabody assentiu e pegou o comunicador.

— Considerando que ela é filha de um policial, suponho que também precisemos do Feeney, certo?

— Suposição certa. Aproveite e chame também aquele cara de bunda magra que mora com você.

Feeney irá precisar do McNab no caso, de qualquer modo, então vamos convocar a equipe da Divisão de Detecção Eletrônica para entrarmos em ação logo.

— Ele já está de sobreaviso. Quando Whitney me ligou, eu pedi a McNab que esperasse o meu sinal antes de vir para cá. Se você estiver pronta para rolar o corpo, posso lhe dar uma mãozinha.

Eve percebeu a mensagem oculta sob as palavras de Peabody. *Eu tenho que fazer isso. Preciso provar que consigo.*

Ela deu um passo para trás e se virou para o corpo.

— Ele não removeu as roupas dela. Rasgou o tecido e afastou tudo do caminho. Esse é mais um indício de que não foi um ato de motivação sexual; também não foi apenas uma questão de humilhação, e sim de punição, violência e dor. Ele não se preocupou em despi-la, não se interessou em expô-la. Quando eu disser “três” — avisou, e contou devagar, preparando-se para colocar o corpo de bruços.

— Meu Deus! — Peabody respirou fundo e expirou devagar. — Todo esse sangue não pode ser só do estupro. Acho... acho que ela era virgem. E essas são algemas usadas pela polícia. Usar esse material e colocar as mãos dela presas atrás das costas? Para mim, ele quis deixar um recado com as algemas e causar mais dor pela forma como as prendeu. Veja como estão enterradas em seus pulsos, ainda mais fundos pelo peso do corpo. Ele poderia tê-la algemado à cabeceira da cama. Isso já seria doloroso o bastante.

— O objetivo foi lhe provocar dor — disse Eve, quase engolindo as palavras. — A dor proporciona muito mais controle sobre a vítima. Você sabe alguma coisa sobre os amigos dela? Namorados, homens?

— Não, não sei. Quando eu a ajudei com a pesquisa, perguntei sobre namorados, como todo mundo faz.

Enquanto falava, Peabody começou a analisar e estudar a sala. Ligava aos poucos, notou Eve, seu modo policial.

— Ela ficou vermelha e disse que não tinha muito tempo para essas coisas, pois estava concentrada nos estudos. Ahn... Ela gostava muito de música e teatro, mas queria estudar filosofia e culturas alternativas. Conversamos bastante sobre ela ingressar na agência americana Corpo da Paz, ou então no programa Educação para Todos, depois que se formasse.

Tímida, pensou Eve, usando as impressões que Peabody lhe transmitia para ajudar a formar uma imagem da vítima. Idealista, levava a educação muito a sério.

— Lembro-me também — continuou Peabody — que, quando nos encontramos em um cibercafé para continuar a pesquisa, McNab foi se encontrar comigo, no fim. Ela me pareceu muito envergonhada perto dele, e enrubesceu novamente. Acho que ela ainda estava na fase de ficar tímida

perto dos homens. Algumas meninas são assim.

— Ok. Continue o trabalho. Vou terminar aqui.

Tímida perto dos homens, pensou Eve. Os pais tinham ido passar o fim de semana fora. Os idealistas quase sempre são ingênuos, especialmente na juventude.

Mas talvez ela tenha ousado e deixado o rapaz ou o homem entrar aqui. Estudou as roupas arruinadas mais uma vez.

Bonita saia, belo top. Pode ser que a vítima tenha se vestido com tanto cuidado para si mesma, mas também era possível que tivesse se dado a todo esse trabalho para um encontro, certo? Brincos, pulseiras — isso tudo deve ter adicionado mais dor, quando ela esfregou os punhos contra as algemas. As unhas das mãos e dos pés estavam pintadas. Ela estava de maquiagem, notou Eve, depois de colocar um micro-óculos e analisar o rosto de perto. A pintura estava manchada por causa das lágrimas, da luta e da pressão do travesseiro.

Será que as jovens se pintavam e se arrumavam para passar a noite sozinhas em casa?

No caso de ela ter saído, será que trouxe alguém para cá ou foi ver alguém e o encontro acabou mal?

— Ela o deixou entrar ou chegou em sua companhia — disse para o gravador. — Não há sinais de movimentos românticos na sala principal, mas a coisa talvez tivesse rolado em outro lugar. E você não teve tempo de arrumar tudo, depois, certo? Entrou em casa e descalçou suas sandálias roxas em algum momento do dia ou da noite. Ele pode ter arrumado a bagunça lá embaixo. Você o trouxe até aqui, Deena? Até o seu quarto? Esse comportamento não combina muito com o de uma adolescente sexualmente inexperiente, mas para tudo existe a primeira vez. Também não há sinais de luta aqui, com exceção da cama — e até isso condiz com após você estar imobilizada. Será que ele também arrumou as coisas por aqui? Por que faria isso? Não, foi ele quem trouxe você aqui para cima. Não... — continuou, falando baixinho e devagar. — Não, você não tirou suas sandálias e as atirou longe. É uma pessoa organizada por natureza. Elas caíram, ou saíram dos seus pés quando você foi forçada a subir, ou ele a carregou pela escada. É preciso pedir um exame toxicológico, e com rapidez.

Ela respirou fundo. Era mais fácil agora, pensou, depois de lidar com Peabody e de encontrar um nicho dentro de si mesma onde poderia enterrar o passado mais uma vez.

Ela se afastou do corpo e começou a vistoriar o quarto.

Roupas de qualidade, observou. Bons tecidos e a habitual e espantosa, na visão de Eve, coleção de sapatos. Uma coleção ainda maior de livros digitais, tanto de ficção quanto de não ficção. Uma enorme coleção de discos de música, e uma rápida pesquisa pelo menu de um Tunes roxo revelou muitos downloads de música.

Nenhum diário secreto escondido dos olhos dos pais, nenhum computador pessoal. Nem *tele-link* privado.

Ela reproduziu a última gravação no *tele-link* da mesa e ouviu uma conversa entre a vítima e uma garota chamada Jo. Os assuntos: compras, música e o irritante irmão mais novo de Jo. Nem uma palavra sobre garotos. As adolescentes não viviam obcecadas por garotos?

E nenhuma discussão sobre os planos para a noite de sábado.

O banheiro exibia os mesmos tons branco e violeta, bem como a mesma arrumação e organização. Ela encontrou a maquiagem, muitos e muitos batons parcialmente usados. Nenhum preservativo escondido, nem qualquer dispositivo para controle de natalidade. Não havia sinais de que a vítima

planejasse se envolver em algo sexual.

Mesmo assim, pensou Eve, ela deixou seu assassino entrar... ou o trouxe para esta casa.

Ela se preparou para sair, mas ficou mais algum tempo parada ao lado da cama.

— A vítima já pode ser recolhida, etiquetada e transportada para o necrotério. — Depois de sair do quarto, mandou que um dos guardas ficasse na porta até que os peritos e o transporte chegassem.

Levou mais algum tempo analisando os outros aposentos do segundo andar. A suíte principal tinha cores suaves e tranquilizantes, uma cama grande com cabeceira acolchoada. Duas malas estavam tombadas ao lado de uma poltrona funda e confortável, como se tivessem sido deixadas caídas ali ou derrubadas num momento de pressa.

MacMasters provavelmente as levava para o quarto enquanto a esposa seguia em direção ao quarto da menina para vê-la. Houve gritos, desespero, MacMasters largou as malas e correu para o quarto da filha.

Nenhum dos outros cômodos parecia ter sido perturbado: dois escritórios, uma sala de som e vídeo, mais dois banheiros, e o que Eve imaginou ser um quarto de hóspedes.

No andar de baixo, ela posicionou um marcador junto das sandálias e foi procurar Peabody.

— Pelo que eu pude deduzir — disse Peabody —, a segurança e os bloqueios foram desligados daqui de dentro. Não há sinal de invasão no sistema. A DDE pode descobrir algo diferente, mas me parece que depois eles foram religados daqui de dentro também, e as câmeras foram desligadas pelo painel central. O último arquivo que há no sistema é de sábado. Eu o reproduzi no meu tablet. Ele mostra a vítima voltando para casa sozinha, pouco depois das seis da tarde. Trazia duas sacolas de compras, ambas da grife Girlfriends, uma marca chique voltada para adolescentes e universitários. Fica na Quinta Avenida, esquina com a Rua 58.

— Vamos verificar tudo, ver o que ela adquiriu lá e se foi à loja sozinha. Ela planejava ir às compras com uma amiga no sábado. Eu não encontrei seu *tele-link* pessoal, nem o tablet, e não havia nenhuma ligação especial no aparelho fixo a não ser a de uma amiga, e duas outras dos seus pais, todas feitas nas últimas quarenta e oito horas. Também encontrei oito sacolas de compras vazias.

— Ela estava usando uma pochete francesa de palha branca com fivela de prata, pelo que eu vi na gravação.

— Eu não vi essa pochete no quarto. Verifique os armários do corredor e outros locais. Eles são pessoas cuidadosas e organizadas, talvez tenham um lugar para pendurar bolsas e esse tipo de coisa. Ela estava usando sandálias roxas no vídeo?

— Aquelas que estão no saguão? Não, estava de tênis azuis.

— Certo.

— Dallas, mais uma coisa. Sabe a sala de controle? É protegida por senha. Não há sinais de adulteração, pelo que eu pude ver. Ou ela mesma desligou e religou o sistema, ou deu a senha para ele. Ou pode ser que ele seja muito bom e saiba hackear um sistema desses.

— Ela teria dado a senha ou qualquer outra coisa se ele dissesse que iria parar de machucá-la. Mas temos de esperar que os especialistas verifiquem para saber se houve invasão.

— Havia um copo sobre a bancada da cozinha. Eu o coloquei num saco de evidências. Todo o resto está organizado, então o copo ali me pareceu estranho. Também verifiquei os registros do AutoChef. Ela preparou duas pizzas brotinho às seis e meia da tarde de ontem. Uma vegetariana, a outra, não. Ela teve companhia, Dallas.

— Sim. Vou conversar com MacMasters e a esposa. Os peritos devem chegar a qualquer momento. Acompanhe-os, sim?

Eve voltou à sala de estar. Anna Whitney continuava sentada ao lado de Carol, como um elegante cão de guarda. MacMasters estava sentado do outro lado e mantinha a mão da esposa presa entre as dele. Whitney estava em pé, olhando pela janela da frente.

A sra. Whitney olhou para trás, e Eve viu, por um breve segundo, o cão de guarda com ar perdido. O extremo sofrimento era visível em seus olhos, e havia também um pedido de socorro que Eve percebeu com clareza.

Ajude-nos.

MacMasters endireitou as costas com firmeza quando Eve entrou.

— Desculpem-me incomodar. Sei o quanto este é um momento difícil — disse Eve.

— Você tem filhos? — Carol perguntou, com a voz carregada.

— Não, senhora.

— Então você não pode saber, pode?

— Carol... — MacMasters murmurou.

— A senhora está certa — disse Eve, sentando-se diante do trio no sofá. — Eu não tenho como saber. Mas sei de uma coisa e posso garantir isso, sra. MacMasters: farei tudo o que estiver ao meu alcance para encontrar o responsável pelo que aconteceu a sua filha. Vou garantir que seja feito todo o possível. E vou cuidar dela, isso eu lhe prometo.

— Nós a deixamos sozinha, entende? Nós a abandonamos.

— Vocês ligaram para ela duas vezes. Vocês se certificaram de que ela estava tão segura quanto seria possível — disse Eve, quando Anna respirou fundo para falar. — Meu trabalho é observar e analisar; e com relação às minhas observações nesse ponto da investigação, vocês são pais bons e amorosos. Vocês não foram os responsáveis por isso. Vou descobrir quem foi. E vocês podem me ajudar agora, respondendo a algumas perguntas.

— Nós voltamos para casa mais cedo. Íamos surpreendê-la, e depois todos sairíamos para um grande *brunch* de feriado; mais tarde iríamos a uma *matinê*. Ela adorava ir ao teatro. Nós planejávamos lhe fazer uma surpresa.

— Quando vocês estavam sendo esperados de volta?

— Tínhamos planejado chegar em casa no fim desta tarde — respondeu o capitão MacMasters. — Nós viajamos na tarde de sexta-feira; pegamos um jatinho para a Interlude, uma pousada que fica nas Smoky Mountains, no Tennessee. Carol e eu resolvemos aproveitar um fim de semana tranquilo para comemorar a minha promoção. — Ele pigarreou. — Fiz as reservas há dez dias. Nós já tínhamos estado nessa pousada antes, em uma viagem de família. Mas...

— Deena queria que fizéssemos a viagem sozinhos, dessa vez. — Carol conseguiu falar novamente. — Geralmente viajamos os três, mas dessa vez... Nós deveríamos ter insistido para que ela ficasse na casa dos Jennings. Mas Deena está com quase dezessete anos e é muito responsável. Ela vai para a faculdade no ano que vem, então nós pensamos... imaginamos que...

— Os Jennings são amigos da família?

— São, sim. Arthur e Melissa. A filha deles, Jo, é a melhor amiga de Deena. — Ao responder, os lábios de Carol tremeram. — Deena quis ficar sozinha, e nós achamos que... pensamos que deveríamos

respeitar isso, confiar nela e lhe permitir um momento de independência. Caso...

— A senhora pode me informar o nome dos outros amigos dela?

Carol respirou fundo.

— Jo, e Hilly Rowe e Libby Grogh da escola. Elas são as amigas mais próximas. E Jamie, Jamie Lingstrom.

Eve ficou em estado de alerta.

— O neto do falecido sargento Frank Wojinski?

— Ele mesmo — assentiu MacMasters. — Eu era amigo de Frank; Jamie e Deena também eram amigos há vários anos.

— Namorados?

— Deena não estava interessada em rapazes, não desse jeito, por enquanto.

Quando MacMasters falou, Eve percebeu o olhar significativo da esposa.

— Senhora?

— Ela era tímida quando se tratava de garotos, mas estava interessada, sim. Acho que havia um rapaz em particular de quem ela gostava.

— Quem?

— Ela nunca me disse o nome dele, não diretamente. Mas nos últimos dois meses ela se mostrou mais interessada na própria aparência e... Não sei se vou conseguir explicar, mas eu sabia que havia um rapaz que tinha atraído a atenção dela e despertado o seu interesse. Tanto que achei necessário ter uma nova conversa sobre sexo com ela.

O capitão MacMasters franziu a testa para a esposa, um olhar mais de desconfiança do que de irritação.

— Você não me contou isso — reclamou ele.

Ela olhou para o marido e seus lábios trêmulos tentaram abrir um sorriso.

— Algumas coisas são particulares, Jonah, assunto só entre garotas. Ela nunca esteve com um rapaz, eu saberia. E ela teria me contado. Conversamos sobre controle de natalidade e sexo seguro. Ela sabia que eu estava disposta a levá-la à clínica, caso ela resolvesse escolher um método contraceptivo.

— A senhora sabe se ela mantinha algum diário?

— Era mais um caderno de anotações. Ela registrava pensamentos, observações, queixas, eu imagino; às vezes versos de alguma poesia ou letra de música. — Quando seus olhos voltaram a verter lágrimas, Carol pegou mais um lenço de papel. — Ela adora música. Sempre tem um player na bolsa.

— E ela tem um tablet ou um *tele-link* particular?

— Tem, sim. Eles também ficam na bolsa dela.

— Ela tem uma bolsa de palha branca, com fivela de prata?

— Sim, é a sua nova bolsa de verão. Nós a compramos no mês passado. É o novo acessório favorito dela.

— Onde ela a deixa, quando não está usando?

— No quarto, no gancho interior da porta do armário.

O gancho vazio, pensou Eve. O assassino havia levado a bolsa com tudo dentro.

— Preciso lhes perguntar uma coisa: Deena consumia drogas ilícitas?

— Não — respondeu o capitão. — Não afirmo isso com certeza só porque ela era minha filha, ou

devido à minha posição. — MacMasters manteve o olhar firme em Eve. — Eu conheço todos os sinais, tenente. E estou muito ciente de o quanto os jovens na idade de Deena são suscetíveis à pressão dos amigos ou à curiosidade de experimentar. Só que ela se opunha às drogas com muita firmeza, não apenas porque são contra a lei, mas porque ela alimentava um profundo respeito pelo seu corpo e pela sua saúde.

— Ela é muito consciente em questões de nutrição — acrescentou Carol. — Na verdade, muitas vezes eu me senti culpada por beber café ou me render ao junk food. Ela malha seis dias por semana; faz ioga, corrida e treinamento de resistência.

— Qual academia ela frequentava?

— Ela não gosta de academias. Temos uma pequena academia doméstica no subsolo. E quando ela quer correr ao ar livre usa o parque. Há trilhas seguras. Ela sempre carrega um dispositivo de alarme e conhece golpes de legítima defesa. Jonah fez questão que fosse assim. Ela tem usado o parque com mais frequência ultimamente, graças ao tempo bom que tem feito. Drogas nunca seriam uma escolha para ela. Deena respeita muito a si mesma e ao seu pai.

Verbos no tempo presente, observou Eve, sempre no tempo presente. Para ela, Deena ainda estava viva. Seria outro pesadelo quando a realidade finalmente a atingisse?

Ela hesitou, tentando encontrar o tom certo para se dirigir ao pai sem piorar a dor da mãe. Aquela hesitação se traduziu automaticamente para os outros policiais na sala.

— Carol. — MacMasters apertou a mão da esposa com mais força por alguns instantes. — Você e Anna poderiam nos preparar um pouco de café? Acho que todos nós estamos precisando disso.

— Eu agradeceria muito — disse Whitney.

— Claro que podemos. — Obviamente compreendendo o estratagema, Anna se levantou e estendeu uma das mãos para Carol. — Eu adoraria um pouco de café.

— Sim, claro. Eu mesma deveria ter oferecido...

— Vamos cuidar disso. — Anna afastou Carol da sala com firmeza.

— Você quer saber se houve alguma ameaça contra mim ou minha família — começou MacMasters. — Qualquer coisa do trabalho que poderia ter levado a isso. Sempre há um viciado maluco que reclama ou ameaça, um traficante que tenta pressionar os ajudantes para livrar a sua cara ou salvar as aparências. Tenho um arquivo grande do que considero as ameaças mais graves. Realizamos uma operação muito importante há dois meses. Um empresário, Juan Garcia, conseguiu sair da prisão sob fiança. — Seu rosto se transformou com um olhar de repugnância. — Ele é advogado de agiotas, tem pilhas de dinheiro. Usa uma tornozeleira eletrônica, mas isso não o impediria.

— Vamos investigá-lo, então.

— Sim, sim. Só que... esse não é o estilo dele. — MacMasters esfregou o rosto. — Ele viria atrás de mim ou dos outros policiais da operação. Seria capaz de cortar a minha garganta, ou mandaria alguém cortá-la, sem pensar duas vezes se achasse que poderia escapar impune, mas não o vejo fazendo isso, nem ordenando que alguém fizesse. Além disso, se ele tivesse vindo atrás da minha família, certamente iria querer que eu soubesse quem foi.

— Vamos verificar tudo de qualquer modo e analisar o resto do seu arquivo. Preciso de uma cópia dele.

— Você a terá, tenente. Sei que nunca podemos ter certeza... — Ele se interrompeu por um

momento, parecia lutar com as palavras. — Nunca podemos ter certeza sobre “se” ou “quando” alguma coisa pode voltar e atacar nossa família por causa do trabalho, mas tenho certeza de que não fui rastreado. Este é um bom bairro, e mantivemos tudo no nome de Carol nos registros públicos. As notícias se espalham, eu sei, mas a casa é segura, e ensinamos tudo sobre segurança pessoal e cuidados a Deena, desde que ela era pequena.

— Pode ter sido algo mais perto de casa? — sugeriu Eve. — Um desentendimento ou uma briga com algum vizinho?

— Não. Não houve nada. — MacMasters estendeu as mãos. — Todos por aqui se dão bem. Deena, especialmente Deena, era muito querida. Ela... ela fez pequenos favores para a sra. Cohen, do outro quarteirão, quando ela ficou presa em casa com o tornozelo quebrado. Também alimentou o gato dos Riley quando eles saíram de férias. Ela costumava...

— Você não percebeu alguém estranho circulando pela rua, perto da casa?

— Não. Não. De qualquer modo, ela jamais abriria a porta para um estranho, especialmente estando sozinha em casa. Eu examinei tudo enquanto esperava pelos guardas da emergência. Não consegui encontrar nenhum sinal de invasão. Não há nada faltando ou fora do lugar. Certamente não foi um assalto residencial que acabou mal. Foi algo direto e deliberado contra a minha filhinha. E foi alguém que ela conhecia.

— Neste ponto da investigação eu concordo com você, capitão. Ainda vamos cobrir todas as possibilidades. Vou falar com os amigos dela. Se havia um garoto que tinha despertado o interesse dela — Eve continuou, usando a frase de Carol —, ela pode ter sido mais receptiva a ele.

— Não foi... um encontro que acabou mal. Não foi um crime por impulso.

— Não, capitão, não acredito que tenha sido.

— Então me diga no que você acredita, tenente.

Eve olhou para Whitney, que lhe fez um aceno com a cabeça.

— Nesta fase muito precoce da investigação, acredito que ela pode ter marcado um encontro; pode ter combinado de receber um conhecido... alguém a quem ela pode ter sido apresentada fora do seu círculo de amizades. Alguém que pode ter feito dela um alvo específico. Acredito que ele a tenha incapacitado. Encontramos um copo, o único item que está fora do lugar na cozinha. Vamos examiná-lo.

— Ele a drogou. — A emoção tornou aquelas palavras mais ásperas.

— Possivelmente. Capitão, ainda não consegui tirar conclusões, e não estou inteiramente à vontade para esboçar especulações. Mas prometo mantê-lo a par de tudo. Prometo que minha parceira, eu e toda a equipe que já comecei a montar trabalharão de forma dedicada e diligente para encontrar as respostas.

— Eu solicitei você especificamente, tenente, porque não tenho dúvidas sobre isso. — Ele pressionou os olhos com os dedos. — Para ficar registrado, e repetindo a declaração que eu já dei ao comandante: minha esposa e eu voltamos cedo de um feriado de dois dias. As fechaduras estavam protegidas. As câmeras, descobri mais tarde, estavam desligadas. Não percebi isso de imediato. Nós fomos diretamente para o andar de cima. Fui colocar as malas no nosso quarto enquanto Carol foi ao quarto de Deena para ver se nossa filha já estava acordada. Ela gritou. Minha esposa gritou muito e eu corri direto para ela. Encontrei-a tentando levantar Deena da cama. Eu pude ver logo de cara que...

— Não há necessidade de continuar, capitão. Eu posso me guiar pela declaração que você já deu ao

comandante.

— Não, todos sabemos que os passos e lembranças precisam ser repetidos. Eu pude ver logo de cara que tínhamos perdido Deena. Percebi as evidências de abuso sexual e físico... o sangue, as contusões, as algemas. Afastei minha esposa da nossa filhinha porque... porque eu sabia que precisava fazer isso. Ela lutou contra mim, mas eu consegui levá-la para fora do quarto e fui para os nossos aposentos, onde usei de força e intimidação para mantê-la lá enquanto entrava em contato com o comandante. Sei perfeitamente que esse não é o procedimento padrão. Eu deveria ter ligado para a emergência, mas...

— Eu teria feito o mesmo.

— Obrigado. — Seu peito estremeceu quando ele lutou para recuperar o controle. — Relatei toda a situação ao comandante. Pedi sua ajuda. Os guardas que ele despachou para cá chegaram logo. Não, isso não é exato. Voltei para o quarto de Deena antes disso. Eu tinha que ver... precisava ter certeza. Convenci Carol a descer as escadas, e nesse momento eu verifiquei a segurança e procurei sinais de invasão no sistema. Foi então que os guardas chegaram. O comandante e a sra. Whitney chegaram logo depois. Foi nesse momento que o comandante e eu voltamos para... a cena do crime. E aí eu solicitei a sua participação como investigadora principal.

— Obrigada, capitão. Já determinei que dois guardas comecem a interrogar os vizinhos. Com a permissão do comandante, mandarei para o senhor cópias de todos os relatórios.

— Permissão concedida. A equipe de legistas acaba de chegar — acrescentou Whitney, ao ver, pela janela, a van estacionar junto à calçada. — Seria melhor se mantivéssemos Carol na cozinha.

— Ficarei com ela — MacMasters se levantou —, caso já tenha terminado comigo por ora, tenente.

— Já terminei. Os peritos estarão espalhados por toda a casa em breve. Existe algum lugar para onde você e sua esposa possam ir por enquanto?

— Vocês irão para a nossa casa com a gente — determinou Whitney.

MacMasters assentiu com a cabeça. Eve pensou que o policial estava começando a desmoronar. Suas mãos tremiam, e quando ela o observou com atenção viu que as linhas nos cantos dos olhos estavam muito mais pronunciadas.

— Manterei contato, capitão. Mais uma vez, lamento profundamente a sua perda.

Quando ele saiu, um homem atordoado e claramente desorientado, Whitney se virou para Eve.

— Conclusões?

— Apenas especulações. Ela o deixou entrar, já tinha planejado fazê-lo. Impossível dizer neste momento se ela o trouxe para casa de algum encontro externo ou se ele apareceu aqui por conta própria. Ela preparou comida para ele no AutoChef. Provavelmente eles comeram. Se ele a drogou nesse momento e deixou o copo no balcão, foi um ato deliberado.

— Ele queria que soubéssemos disso — concluiu Whitney.

— Exatamente, senhor. Foi tudo pessoal, planejado e deliberado. As violações foram muito brutais, as contusões faciais parecem ter sido um ato posterior, uma ideia tardia, só para exibição. Acredito que ele a tenha sufocado. Ele a sufocou e estrangulou em vários momentos, talvez para lhe tirar a consciência e trazê-la de volta, a fim de prolongar o evento, a dor e o medo. Ele queria esses sentimentos. O momento exato da morte foi determinado como depois das três da manhã. Tudo que eu descobri até agora indica que a vítima não teria deixado ninguém entrar aqui no meio da noite, mesmo que fosse um jovem com o qual ela já estivesse habituada.

— Não. Não, eu não acredito que ela tenha feito isso. A menos que... E se ela acreditasse que alguém estava precisando de ajuda? Alguém que ela conhecia?

— É uma possibilidade. O mais provável é que ele já estivesse aqui há algum tempo, uma quantidade considerável de tempo. A menos que os peritos encontrem evidências do contrário, acredito que toda a violência ocorreu no quarto dela, e depois de ela já estar contida. Ele não se arriscou. Veio até aqui para realizar uma coisa específica e fez isso.

— Verifique crimes similares — aconselhou Whitney, mas logo se deteve. — Estou lhe dizendo como fazer o seu trabalho. Em vez disso, eu deveria deixar você fazê-lo.

— Vou começar com os amigos. Podemos ter sorte nisso, quem sabe obter um nome, uma descrição. Vou enviar o copo vazio que Peabody recolheu diretamente para o laboratório. Solicitei que Morris trabalhe como legista principal deste caso. Feeney, McNab e quem mais Feeney escolher da DDE irão lidar com a parte dos eletrônicos. Também faremos uma investigação no parque em que ela corria. Se ela conheceu o seu assassino lá, alguém pode tê-los visto juntos. E também vamos investigar Juan Garcia, embora eu tenda a concordar com o capitão sobre ele.

— Mantenha-me informado — pediu Whitney, então olhou para trás de Eve quando sua esposa voltou.

— Quis dar a eles alguns momentos em particular. E também vim entregar isso a você, tenente. — Anna colocou na mão de Eve uma agenda eletrônica. — Os nomes e os contatos das amigas que Carol citou estão todos aí.

— Obrigada.

— Sei que você precisa dar continuidade aos próximos passos da investigação, mas antes eu gostaria de lhe dizer algo, tenente. Carol e Jonah são amigos muito queridos e Deena era... uma menina encantadora em todos os sentidos. Eu nem sempre aprecio o seu estilo, tenente. Jack... — reagiu ela, com um olhar impaciente quando o comandante fez menção de interrompê-la. — Por favor! Muitas vezes, acho que você é uma pessoa áspera e difícil de entender. Mas, se Jonah não tivesse pedido que você liderasse essa investigação, eu teria usado toda a influência que tenho sobre o seu comandante para que você fosse designada para esta missão. Pegue esse desgraçado, tenente. Vá lá e pegue esse desgraçado.

Ela desmoronou, lançando-se diretamente nos braços do marido, e chorou.

CAPÍTULO TRÊS

Eve deu o fora dali. Caminhou pela calçada da casa, onde conseguiu respirar sem extrair tristeza e luto. E onde pôde restabelecer os bloqueios das suas próprias lembranças e emoções.

Identificou a dupla de guardas que tinha enviado para fazer perguntas atravessando a rua e caminhando na direção da casa da vítima.

— Olá, policiais. Relatório?

— Sim, senhora. Cobrimos o quarteirão e conseguimos falar com todos, à exceção de quatro moradores. Outros confirmaram que a família que mora duas casas à direita ficará fora da cidade durante três dias. Dois estão participando de uma marcha pelo Dia da Paz agora de manhã e o paradeiro do quarto morador não encontrado é desconhecido no momento.

— Quero o nome do que não foi encontrado. Vamos localizá-lo e interrogá-lo. Faremos o mesmo com os que foram à marcha pela paz. Todos os moradores deste quarteirão que estavam em casa nas últimas vinte e quatro horas deverão fazer uma declaração.

— Sim, senhora. Aqueles com quem conversamos não notaram nada fora do comum ontem, nem na noite passada. Todos declararam não ter visto ninguém entrando ou saindo da casa, com exceção da vítima. — A policial assumiu a liderança e pegou seu livro de anotações. — Uma moradora chamada Hester Privet viu e falou com a vítima ontem às dez e quinze da manhã. A vítima regava as plantas na entrada da casa. Conversaram rapidamente. A vítima contou que ainda tinha algumas tarefas a cumprir naquele dia, pois seus pais iriam voltar na tarde do dia seguinte. Privet nos disse que perguntou, em tom de brincadeira, se a vítima tinha organizado alguma grande festa para a noite. A vítima ficou envergonhada, mas sorriu e declarou que tinha planejado apenas uma noite tranquila. Privet então continuou seu caminho para casa, a pé.

Atrás da policial, Eve notou que um grande cão de pelo alaranjado parecia levar seus donos, um jovem casal, para passear no parque, e também viu um corredor com short vermelho saindo de casa.

— A testemunha tornou a passar diante da casa depois disso, em torno de três horas da tarde, quando levou os filhos para o parque, e tornou a passar mais ou menos às cinco horas, quando voltaram para casa. Ela disse que tem certeza de que o sistema de segurança estava acionado nessas ocasiões, ela quis confirmar isso, pois sabia que os pais estavam fora da cidade. No entanto, não viu mais a vítima em nenhum momento.

— Ótimo. Quero ser informada assim que vocês localizarem os outros moradores e conseguirem

suas declarações.

Depois de dispensar os dois policiais, Eve ficou em pé ali onde estava, e observou quando os funcionários do necrotério levaram Deena para o lado de fora, dentro do incógnito saco preto. Então se moveu para interceptar uma mulher de cabelos louros soltos que vinha correndo em direção à porta da casa.

— Por favor, esta é uma cena de crime, você não pode entrar nesse momento.

— É Deena, não é? Eles não querem me contar o que aconteceu, os policiais. Só que houve um incidente. Eu não consigo acreditar... É Deena? O que aconteceu?

— Não posso lhe fornecer informações nesse momento. Você é amiga da família?

— Sim. Sou uma vizinha, Hester Privet. Conversei com dois policiais mais cedo, hoje de manhã, mas...

— Sei. Sou a tenente Dallas. Você falou com Deena, ontem?

— Falei, aqui mesmo, na frente da casa. Ela está... meu Deus, ela está naquele saco preto?

Não havia por que negar. Tudo seria divulgado em breve.

— Deena MacMasters foi morta na noite passada.

A mulher recuou um passo e quase caiu. Depois envolveu o próprio corpo com os dois braços.

— Mas... como? Como? — Lágrimas se acumularam nos olhos arregalados pelo choque. — Houve alguma invasão na casa? Ela é muito cuidadosa com os alarmes e as trancas. Ela cuida dos meus gêmeos, os meus meninos. Geralmente *é ela* quem me ensina a verificar se a minha casa está segura. Oh Deus, meu Deus. Meus meninos a adoram. O que eu vou dizer a eles? Posso fazer algo, qualquer coisa? Jonah e Carol. Eles estão viajando. Tenho as informações de contato, eu posso...

— Eles voltaram para casa esta manhã. Já estão lá dentro.

Hester fechou os olhos por um momento e respirou várias vezes.

— Eu... Eu quase vim verificar se... Quase vim para ter certeza de que ela não queria passar algum tempo lá em casa e ficar para jantar. Mas eu me convenci a não fazer isso. Eu gostaria de poder... Posso fazer alguma coisa? Qualquer coisa?

— Deena já levou alguém com ela quando foi tomar conta dos seus filhos? Algum conhecido?

— Às vezes Jo vem com ela. Jo Jennings, sua melhor amiga.

— Algum garoto?

— Não. Por Deus! — Ela usou as costas das mãos para limpar as bochechas molhadas de lágrimas. — Isso é contra as regras, e na verdade Deena nunca namorou ninguém.

— Ela sempre seguiu as regras?

— Sim, até onde eu sei. Muitas vezes eu desejava que ela quebrasse uma delas. — Hester passou a mão no rosto para enxugar outra lágrima. — Ela me parecia tão jovem e inocente para a sua idade, e por outro lado era muito madura. Responsável. Eu confiava nela de forma absoluta para cuidar dos meus filhos. Eu deveria ter verificado mais vezes como ela estava enquanto os pais estavam fora, deveria ter ficado de olho. Deveria ter insistido para que ela viesse jantar conosco. Mas eram só alguns dias, e eu nunca imaginei que... Simplesmente não pensei nisso.

— Ela já conversou com você sobre algum rapaz?

— Ninguém específico. Nós conversamos sobre garotos de vez em quando, em termos genéricos. Ela tem um relacionamento muito bom com a mãe, mas às vezes uma garota não pode contar certas

coisas à própria mãe. E estávamos mais próximas uma da outra, em idade. Além disso, eu bisbilhotava — admitiu Hester, com um sorriso torto. — Acho que Deena tinha uma paixão por alguém, porque percebi que ela andava cuidando mais da sua roupa e dos seus cabelos. Além do mais... Bem, havia um brilho especial nos olhos dela, entende?

— Entendo.

— Comentei com ela sobre isso, mas ela simplesmente me disse que estava tentando fazer algumas coisas novas. Mas havia esse brilho diferente em seus olhos. Um olhar de “tenho um segredo”. Algum garoto a machucou? Alguém... — A percepção do que acontecera e o horror atingiram o seu rosto. — Oh Deus!

— Não posso lhe contar detalhes agora, mas vou lhe dar o meu cartão. Se você se lembrar de qualquer coisa que tenha visto, qualquer coisa que ela possa ter dito a você, quero que entre em contato comigo imediatamente. Eu não me importo se a lembrança for pequena ou possa parecer algo sem importância, quero que você me ligue. — Eve lhe entregou um cartão. — Mais uma coisa: você percebeu, quando a viu na manhã de ontem, se ela estava com as unhas feitas? Das mãos e dos pés?

— Não, ela não estava. Eu teria percebido, pois ela raramente fazia as unhas. E estava descalça. Ficou regando as plantas ali, descalça, então eu teria notado.

— Certo, obrigada.

— Eu tenho que contar ao meu marido e aos nossos meninos. Eles têm só quatro anos, não sei como lhes dizer.

Peabody saiu da casa quando Hester se afastou.

— A DDE está a caminho e os peritos já estão trabalhando. A senhora Whitney está colocando algumas coisas na mala para a senhora MacMasters. Eles vão ficar na casa dos Whitney por um dia ou dois, dependendo da situação.

— Vamos deixá-los em paz, então. Precisamos interrogar os amigos. Já está muito tarde para vasculhar o parque e perguntar coisas às pessoas que estão nas trilhas de corrida. O hábito dela era correr entre oito e nove horas da manhã nos fins de semana ou mesmo nos dias úteis, quando não tinha aula. Faremos isso amanhã. Vamos falar com Jamie primeiro.

— Jamie? O nosso Jamie?

— Lingstrom. Ele era um amigo.

— O mundo é sempre pequeno para coisas ruins.

Eve não tinha como argumentar contra isso.

Ela sabia que Jamie estava em casa para as férias de verão, hospedado na casa da mãe. Eve mantinha contato com ele, indiretamente. Ele era neto de um policial morto. Um policial muito bom e um menino que tinha perdido a irmã assassinada quando tinha apenas dezesseis anos.

A morte não era novidade para ele.

Além disso, também aos dezesseis anos, ele tinha deixado o marido de Eve estupefato quando usou um misturador de sinais caseiro para passar pelo sistema de segurança doméstica de Roarke, e foi tão bem-sucedido que conseguiu entrar na propriedade.

Eve sabia que Jamie trabalhava em um dos departamentos de pesquisa e desenvolvimento de Roarke durante o verão. Do mesmo modo como sabia que Roarke tinha certa frustração por saber que os planos do menino eram os de entrar para uma equipe da Divisão de Detecção Eletrônica e ficar na

polícia, em vez de ir trabalhar no setor privado.

— Como eles eram amigos e eu conheço Jamie muito bem, sei que ele vai querer entrar no caso — declarou Peabody.

Fim da amostra deste eBook.

Você gostou?

[Compre agora](#)

ou

[Veja mais detalhes deste eBook na Loja Kindle](#)

00000>